

# O PODER DO BORDÃO NO JORNALISMO ESPORTIVO

DANIEL GOIS DOS SANTOS\*

PROF. ME. PAULO ROBERTO BÖRNSEN VIBIAM\*\*

## RESUMO

Vínculo, identificação e comunicação. Com uma simples frase, um narrador esportivo pode ser lembrado por todo um público. E nessa missão, os bordões, aquelas palavras curtas repetidas em momentos chave de um evento, acabam sendo aliados dos locutores. No jornalismo esportivo, o uso de bordões é algo comum por parte dos narradores. Mas como eles surgem? Qual a importância do bordão nos dias atuais? Ele é o elemento mais importante de uma narração? Como ele ‘pega’ na mente do público? Trabalhar essas questões é o foco deste artigo. Foram realizadas 17 entrevistas com narradores, especialistas em comunicação e espectadores de todos os estados brasileiros, com a finalidade de entender desde o surgimento do bordão até a aceitação ou não dele por parte do público. O trabalho também contou com uma pesquisa feita pelo Google Forms, em um intervalo de 27 dias, onde foi possível colher 118 respostas a respeito do tema. Elas propiciaram a elaboração de 12 gráficos que mostram quais bordões e narradores foram mais lembrados e quais aspectos são considerados mais importantes em uma transmissão esportiva.

## PALAVRAS-CHAVE

Bordão. Transmissão. Narrador. Espectador. Linguagem.

\* Daniel Gois dos Santos, autor: apaixonado por esportes e comunicação, é formado em jornalismo pela Universidade Católica de Santos (Unisantos). Procura não só apreciar o esporte, mas estudá-lo e entendê-lo.

\*\* Prof. Me. Paulo Roberto Bornsen Vibiam, orientador: formado pela Universidade Católica de Santos (Unisantos), com mestrado pela Universidade de São Paulo (USP), tendo o rádio como linha de pesquisa.

## INTRODUÇÃO

Transmitir um evento esportivo nunca foi uma tarefa fácil. Em quase um século de narrações esportivas no Brasil, já houve desde informações passadas por telefone, passando por gaitinhas como vinhetas e, nos dias atuais, um pacote rico de imagens na palma da mão do espectador, através do smartphone. E no meio de tanta evolução, o locutor sempre esteve ali, como peça chave.

A narração esportiva tem como foco apresentar para o espectador, seja ele de rádio, televisão ou internet, uma descrição precisa do que acontece dentro do evento. Esse espectador pode ser desde um torcedor de um time,

que acompanha o clube e o esporte constantemente, até uma pessoa que não conhece tanto sobre as regras de determinado esporte.

POLITO R. (1998, *apud* BORGES, 2016, online) afirma que o ouvinte decide, nos primeiros dez segundos de contato com o conteúdo, se continuará o consumindo ou não. Essa rapidez obriga o narrador a pensar em diferentes formas para prender o público. E para atingir públicos distintos, o narrador precisa de dinamismo, informação e uma linguagem que se adapte a ambos. É aí onde entram os bordões.

Com uma frase curta ou uma única palavra, o narrador consegue passar uma mensagem criativa e até emocional para o interlocutor sobre o que acontece naquele evento. Esse bordão pode ser usado em momentos importantes de um esporte, como um gol no futebol, e também em situações que permitem um tom humorístico (um chute bem longe do gol, por exemplo). A frase cria vínculo com o interlocutor e o narrador passa a ter uma marca própria.

Esse artigo aborda desde o começo das transmissões esportivas no Brasil, na década de 1920, com passagem de informações por telefone, até o contexto de multiplataforma dos dias atuais, com jogos de diversos esportes sendo exibidos em rádio, televisão e internet (streaming).

Com pesquisa, entrevistas e gráficos, o trabalho mostra como os bordões podem servir de alavanca para um narrador esportivo e qual é o papel deles no atual contexto das narrações esportivas. Também é traçado um panorama de qual caminho de linguagem as transmissões podem seguir.

## 1. HISTÓRIA DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NO BRASIL

O pontapé inicial da narração esportiva no Brasil se deu em outubro de 1922, quando Leopoldo Santana transmitiu o superclássico entre Brasil e Argentina, disputado no estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. A transmissão, no entanto, ocorreu de uma forma totalmente diferente da que estamos acostumados.

Leopoldo Santana recebia diversos boletins informativos do jogo por telefone e os repassava por meio de alto falantes. Os ouvintes estavam em uma confeitaria no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. A locução era realizada de forma pausada, longe da velocidade característica das narrações atuais.

A década de 1930 foi marcada por uma verdadeira expansão do rádio no Brasil e também pela profissionalização do futebol, sendo que ambos contribuíram para o desenvolvimento das narrações esportivas.

Nicolau Tuma foi o primeiro locutor a narrar uma partida de futebol completa, por 90 minutos, sem interrupções. O fato se deu em julho de 1931, no embate entre as seleções dos estados de São Paulo e Paraná, que terminou com triunfo dos paulistas por 6 a 4. E esse não foi o único pioneirismo de Tuma.

A narração veloz, com precisão em cada jogada, rendeu a ele o apelido de Speaker Metralhadora (FILARDI, 2020). Naquela ocasião, por não haver repórter de campo e os jogadores não terem números em seus uniformes, Tuma se dirigia até o vestiário antes de a bola rolar para memorizar os nomes dos competidores dos dois times. Como o futebol ainda não era tão popular no Brasil, Tuma também explicava as regras do esporte durante a narração.

O ano de 1932 marca o início da era comercial do rádio no Brasil. No ano seguinte, em 12 de março de 1933, houve a profissionalização do futebol (GUIMARÃES, 2020). Ambos

se desenvolveram de forma paralela. Transmitir uma partida, no entanto, seguia como um desafio para os locutores, devido às dificuldades técnicas e estruturais enfrentadas.

Os estádios de futebol não possuíam uma cabine focada para a transmissão. As narrações tinham pouco dinamismo, com o locutor, na maioria das vezes, informando apenas quem estava com a bola, carecendo de descrição e informações.

Por não haver repórter de campo, o locutor também precisava informar sobre substituições e funções que hoje cabem a este profissional. Em muitos casos, o narrador era a única pessoa envolvida na transmissão. Mas a criatividade e as inovações não ficaram de lado.

Ary Barroso implementou, em 1934, a primeira vinheta de uma transmissão de futebol no Brasil. E ela se deu por meio de um instrumento musical: quando saía um gol, ele tocava uma pequena gaita, da direita para a esquerda. A partir daí, os efeitos sonoros se popularizaram para indicar gols, tempo de jogo, acontecimentos em outras partidas simultâneas, entre outros.

Na década de 1940, começaram a participar os comentaristas esportivos, profissionais com função mais analítica sobre a postura dos times em campo e o contexto daquele evento esportivo. No início, as análises só eram feitas no intervalo das transmissões.

No contexto dos bordões, um dos primeiros narradores a se usar dessas frases foi Geraldo José de Almeida, que tinha como marcas a linguagem poética e o entusiasmo. Adepto do estilo de narração conotativa (SOARES, 1994), o narrador teve grande parte da carreira na Rádio Record, até migrar para a televisão em 1963.

“Lindo! Lindo! Lindo!” e “O que é isso minha gente?” eram alguns dos bordões de Geraldo, que também criou diversos apelidos para jogadores, como “Craque Café” para Pelé, “Peito de Aço” para Vavá e “Mineirinho de Ouro” para Tostão.

Fiori Gigliotti foi outro grande expoente do uso de bordões nas narrações esportivas. No início dos jogos, o locutor sempre usava a frase “Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo” (BETING e ROGÉRIO, 2019).

Primeiro repórter de campo na televisão brasileira, Silvio Luiz ficou marcado por usar inúmeros bordões em suas narrações. O narrador procurava ter, de fato, uma “conversa” com o telespectador (BRINATI, 2005), não se limitando a descrever o que acontecia em campo. Na voz de Silvio, um chute de má execução se tornava um “pelo amor dos meus filhinhos”.

A Copa do Mundo da FIFA de 1970 marcou um momento importante para a narração brasileira, tanto no rádio como na televisão. No rádio, as equipes de Fiori Gigliotti (Rádio Bandeirantes), Pedro Luiz (Rádio Nacional) e Joseval Peixoto (Rádio Jovem Pan/Rádio Record) se encarregaram de levar a emoção do evento aos cerca de 90 milhões de brasileiros na época.

Foi também a primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo pela TV. Apesar de ser exibida em cores, a grande maioria dos brasileiros não possuía acesso à essa tecnologia, e por isso assistiram ao evento em preto e branco (CASTRO, 2014). Antenas posicionadas em São Paulo e no Rio de Janeiro eram as responsáveis por receber as imagens transmitidas via satélite e distribuí-las para o resto do Brasil.

Osmar Santos, outro grande nome da narração esportiva brasileira, deu o seu pontapé na Rádio Jovem Pan em 1972 (SCHETINI, 2006). Adepto dos bordões, ele batizou a bola de futebol como “Gorduchinha” e a simples ação de chutá-la em direção ao gol se transformou em “Ripa na chulipa”. Um ataque estivesse com a bola nos pés ganhava de Osmar o apelido de “Garotinho”.

Com quase meio século de carreira, Januário de Oliveira se tornou referência nas narrações cariocas. Ele é autor de bordões como “Tá lá um corpo estendido no chão”, “Cruel, muito cruel”, “Tá aí o que você queria” (usado quando a bola ia rolar) e “É disso que o povo gosta” (TERRA, 2021).

A década de 1960 também viu o surgimento de Luciano do Valle, que se tornou figura importante na popularização de outros esportes nas transmissões brasileiras, como basquete, vôlei e automobilismo (STYCER, 2014). Com passagens marcantes por Globo e Band, o locutor tinha como marcas o entusiasmo e a descrição precisa dos lances, dando menos atenção aos bordões (UOL ESPORTE, 2013).

Narrador mais popular do Brasil nas últimas décadas, Galvão Bueno foi protagonista nas principais transmissões do esporte brasileiro na Fórmula 1, no futebol e nas Olimpíadas (MEMÓRIAGLOBO, 2021). Na abertura dos eventos, o locutor costuma usar o bordão “Bem Amigos”, que se tornou nome de programa apresentado por ele no SporTV.

Além do rádio e da televisão, os fãs de esporte contam com a opção de assistir às transmissões por meio do streaming, seja em canais por assinatura ou em redes sociais. O modelo ganha novos adeptos com o passar dos anos, que podem ver os eventos esportivos no celular, tablete, computador ou smart TV.

Desde 2019 no Brasil, o DAZN é considerado o primeiro serviço de streaming esportivo ao vivo e sob demanda no mundo (ESPORTIVA, Gazeta, 2019, online). Ao chegar no País, ele passou a contar com narradores como Eduardo Monsanto e Luiz Alano, que deixaram ESPN e SporTV, respectivamente. O serviço de streaming chegou exibindo competições como a Copa Sul-Americana, o Brasileirão Série C e campeonatos europeus.

O Facebook Watch exibiu de forma gratuita a Champions League, principal torneio de clubes da Europa, até a temporada 2020-21. O YouTube também tem ganhado espaço no streaming, com emissoras, federações, canais oficiais e os próprios clubes transmitindo partidas em live.

Bastante presente nas transmissões de games, a Twitch ganha evidência crescente no mundo dos esportes. Em dezembro de 2020, o Athletico Paranaense e o streamer Casimiro Miguel fecharam uma parceria para exibir um duelo da equipe contra o Vasco, pelo Campeonato Brasileiro, na plataforma. A iniciativa foi retomada pelas partes no Brasileirão de 2021 (UOL ESPORTE, 2021).

A transmissão multiplataforma é uma realidade também em outros esportes. Um exemplo é o Novo Basquete Brasil (NBB), principal liga de basquete no País, que tem transmissões na TV aberta, fechada, serviços de streaming e nas redes sociais desde a temporada 2018/19 (BETING, 2021).

## 2. LINGUAGEM DOS BORDÕES

A criação de um bordão pode ter inúmeras referências, como livros, músicas, filmes e reportagens. A intertextualidade acaba estando presente, já que uma palavra ou frase de um filme, por exemplo, pode ser usada para marcar um lance em uma narração, em um contexto totalmente distinto.

A frequência a qual o bordão é repetido é um dos elementos que colaboram para ele ser lembrado pelo público. É comum ver narradores usando bordões na hora do gol, por exemplo, o momento de maior emoção no futebol. Algo semelhante também acontece em ultrapassagens no automobilismo, cestas importantes no basquete e pontos decisivos no vôlei.

Como exemplos, temos os bordões “No capricho”, de Sérgio Maurício, “Não perde mais”, de Téo José, e “Vai voar”, de Thiago Alves, todos usados no automobilismo. O primeiro é aplicado em momentos de boa execução, como uma ultrapassagem ou uma volta mais rápida. O segundo se aplica quando o vencedor da prova já está definido. E o último é usado na hora da largada.

Os três bordões têm fatores em comum, como o entusiasmo em que são proferidos pelos narradores e as ocasiões (início ou fim de corrida). Mas cada um deles possui sua característica própria.

A palavra “capricho” significa um trabalho bem feito, sem deixar brechas para falhas. “Não perder mais” implica em uma negativa a uma possibilidade de a vitória escapar daquele competidor, já que ele cruzou a linha de chegada em primeiro lugar. Por outro lado, dizer que os carros “vão voar” remete a enorme velocidade que eles podem chegar, lembrando um voo.

O orador precisa se expressar bem porque quer algo do público. O orador busca conquistar o público em relação a um determinado tema. Busca persuadi-lo com relação a algo. Assim, podemos ampliar um pouco nossa primeira definição: a retórica é a arte de expressar-se bem para persuadir a um público. (CASTILLO, 1989, p. 21 apud GOTZ, 2015)

No streaming, uma característica presente é a caixa de chat ao lado da imagem transmitida. Ela permite que os membros de uma transmissão possam interagir diretamente com o público, lendo mensagens, respondendo a perguntas e até recebendo informações sobre o evento exibido. O contato entre narrador e espectador permite também um retorno imediato sobre a aceitação ou não daquele bordão, quando usado em uma partida.

A criação do bordão “Caçapa”, usado por Marcelo do Ó na hora do gol, partiu de uma inspiração no locutor Mario Henrique Caixa (GOIS, 2021, p. 23), da Radio Itatiaia, em Belo Horizonte, que usa o sobrenome “Caixa” quando sai um gol. Apesar disso, segundo ele, a ideia partiu do seu próprio pai. O locutor entende que os bordões precisam nascer espontaneamente.

“Acho que eles (os bordões) precisam vir de uma maneira espontânea. Tem que ter a personalidade do narrador casando-se com aquele momento do jogo, aí vira uma marca, que as pessoas repetem e lembram de você. No rádio, eles funcionam mais porque criam uma imagem, como o “caçapa”, o torcedor ouve e sabe que foi gol.” GOIS, 2021, p. 23).

### 3. ENQUETE: RELAÇÃO PÚBLICO-BORDÕES

Entre os dias 16 de agosto e 12 de setembro de 2021, um questionário feito através do Google Forms procurou entender a relação entre bordões e público. Houve 118 respostas, que possibilitaram a produção de 12 gráficos, com o intuito de analisar o perfil das pessoas, a mídia preferida, os bordões e narradores mais lembrados, entre outros.

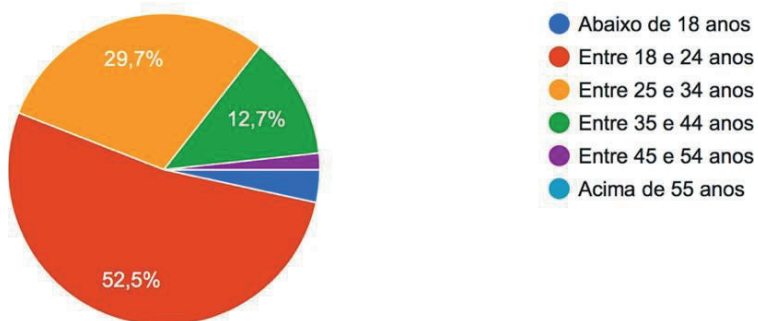
Foram consideradas 111 respostas válidas, já que das 118, sete não citaram nenhum bordão. Uma das perguntas pedia que a pessoa citasse três bordões, mas em alguns casos, ela optou por escrever mais frases ou menos frases. Por isso, foram criados três gráficos com a métrica de “citações”. Ao todo, foram 92 bordões distintos citados 315 vezes, além de 46 narradores diferentes lembrados.

A única pergunta opcional da enquête contou com 110 respostas e procurou entender quais elementos os espectadores consideraram importantes em uma narração esportiva. Uma

única resposta se deu como “indiferente”, sendo, por tanto, consideradas 109 respostas válidas. Elas representaram 266 citações e 31 tópicos tidos como importantes.

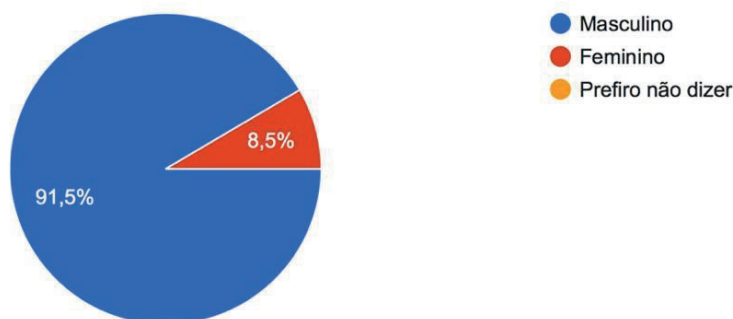
### Qual a sua faixa etária?

118 respostas



### Qual seu sexo?

118 respostas



### Você acompanha transmissões esportivas com qual frequência?

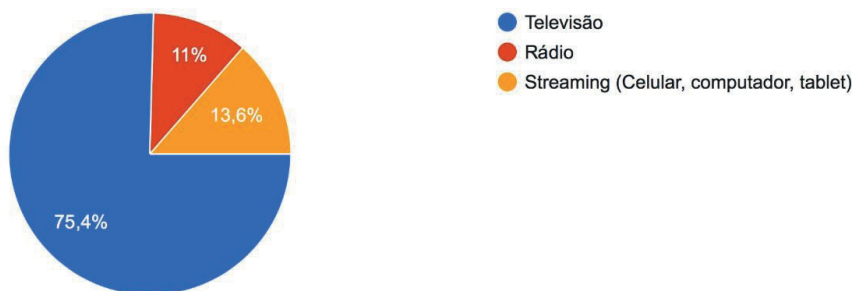
118 respostas



A frequência de acompanhamento de transmissões esportivas é um fator importante para determinar o quão engajado é aquele público. Entre as 118 respostas, 64,4% afirmaram acompanhar ao menos uma transmissão esportiva por dia. Sendo assim, é possível considerar que a maioria dos entrevistados possui uma forte relação com o tema e conseqüente engajamento com narradores.

## Qual mídia você prefere para assistir às transmissões esportivas?

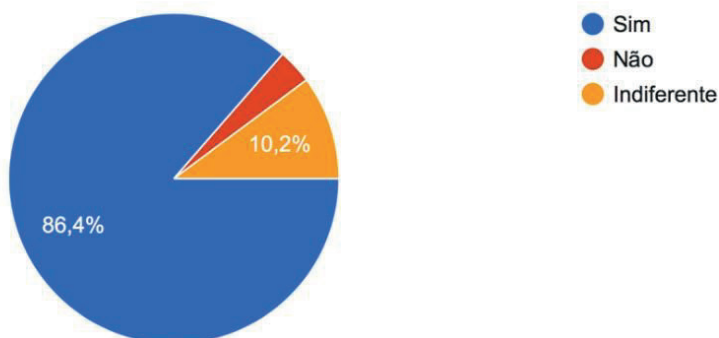
118 respostas



As respostas mostram que a televisão segue como principal forma de se assistir a um evento esportivo, sendo ela preferida por 75,4% das pessoas. Vale destacar a presença do streaming acima do rádio, com 13,6% e 11%, respectivamente. O fato de a maioria do público ser jovem, sendo 52,5% dos entrevistados pessoas de 18 a 24 anos, pode ser um dos motivos.

## Você gosta de bordões em narrações esportivas?

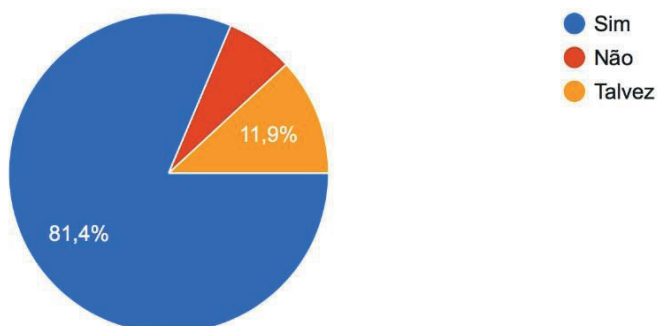
118 respostas



Esse gráfico indica como os bordões são bem aceitos pelo público, já que 86,4% dos entrevistados afirmaram que gostam de ouvi-los em uma narração. Outro destaque são os 10,2% que se colocam como indiferentes – para eles, tanto faz ter ou não um bordão.

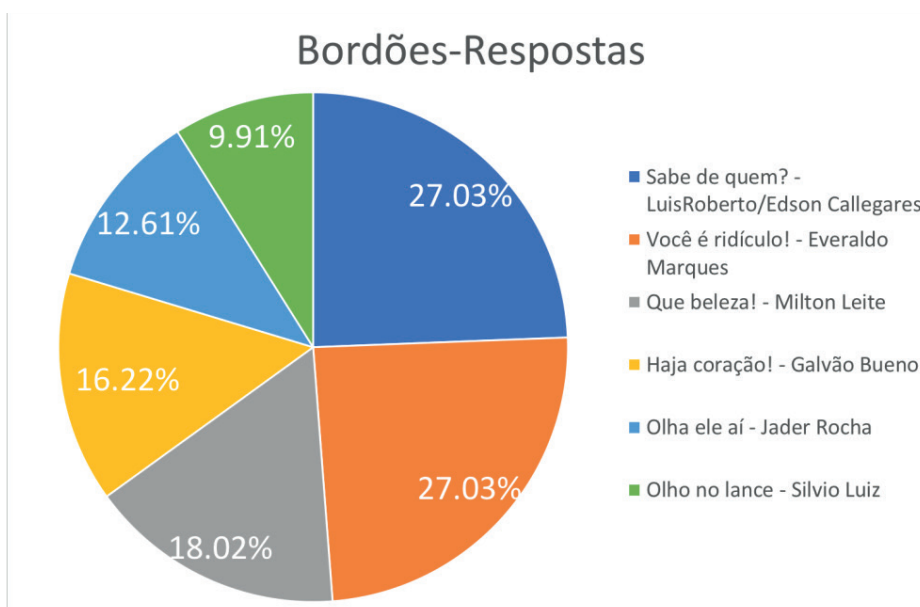
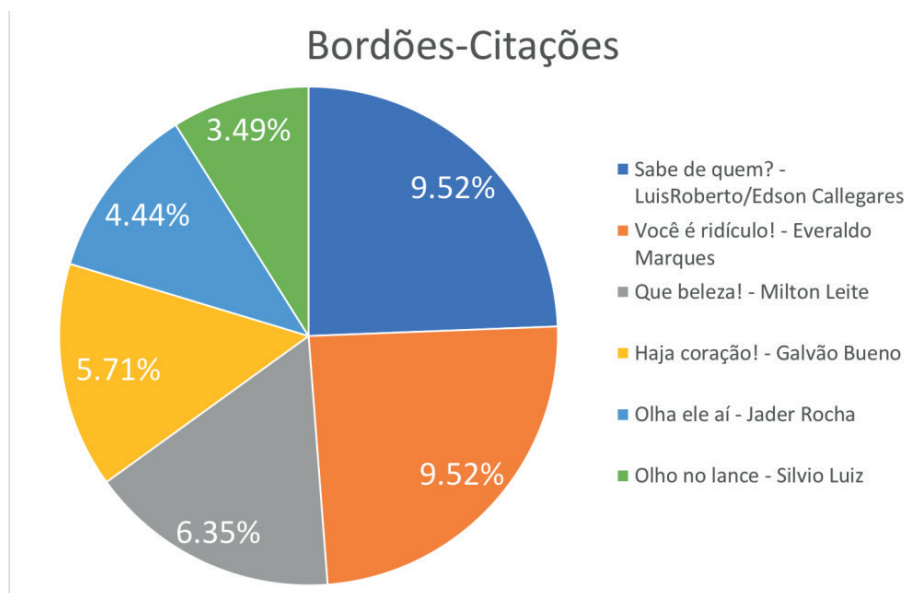
## Você gostaria de poder escolher o narrador de uma determinada partida?

118 respostas



Essa pergunta foi elaborada com base em uma afirmação do narrador Odinei Ribeiro, quando perguntado sobre qual caminho as narrações esportivas vão seguir, durante entrevista no dia 16 de julho de 2021. “Logo logo, não sei se vão começar a pagar pra escolher o narrador que querem ouvir, de uma determinada transmissão. Pode ser” (GOIS, 2021, p. 65).

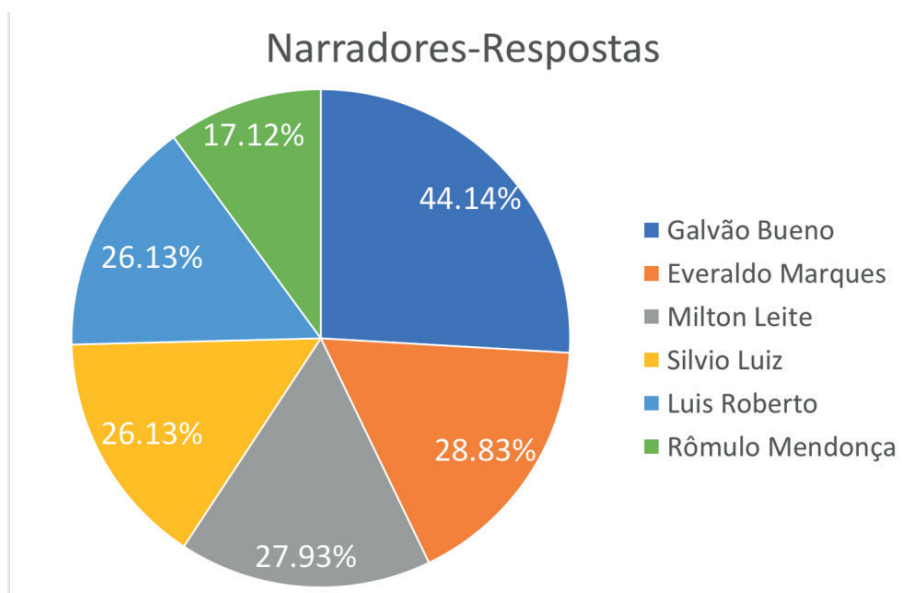
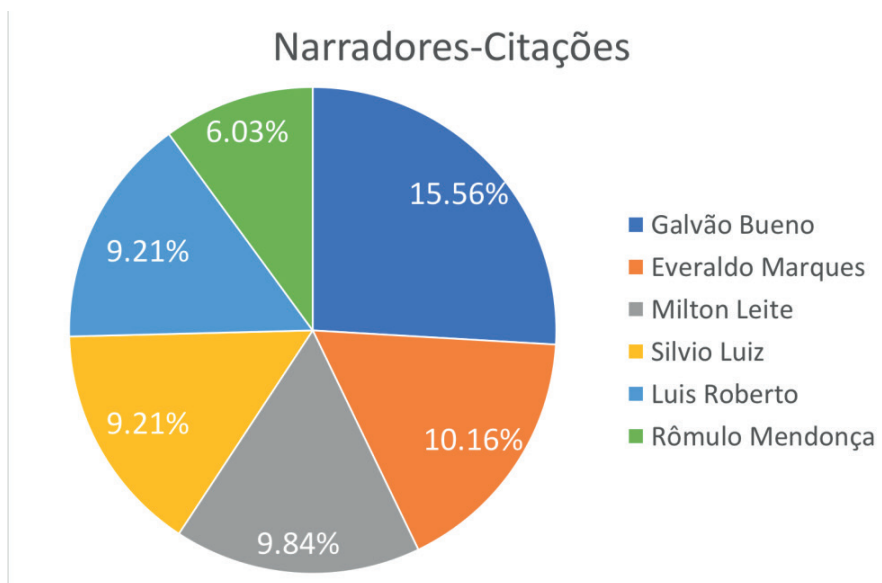
As respostas mostram um cenário afirmativo para a hipótese levantada por Odinei. 81,4% dos entrevistados disseram que gostariam de poder escolher um determinado narrador. Além disso, outros 11,9% não descartam a possibilidade de ter a opção de escolha.



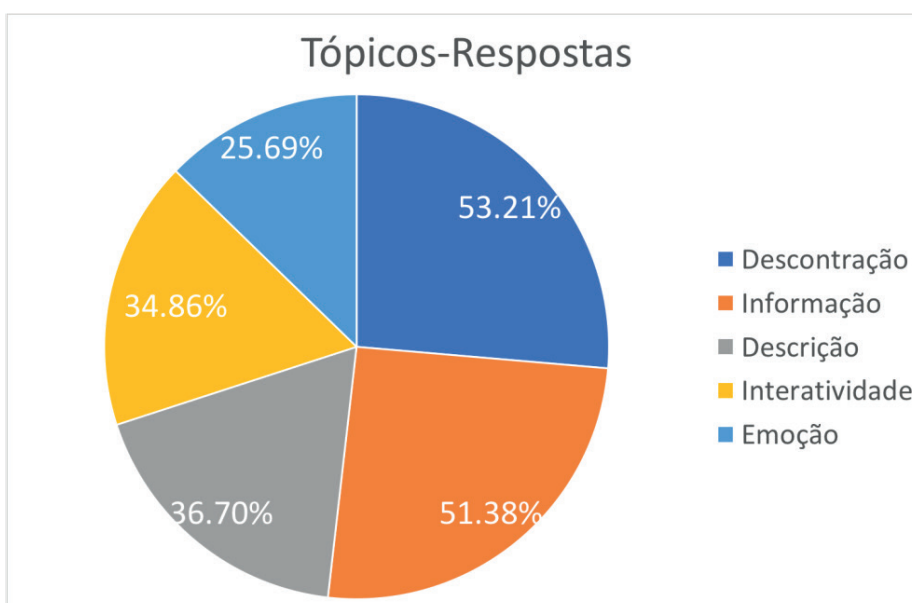
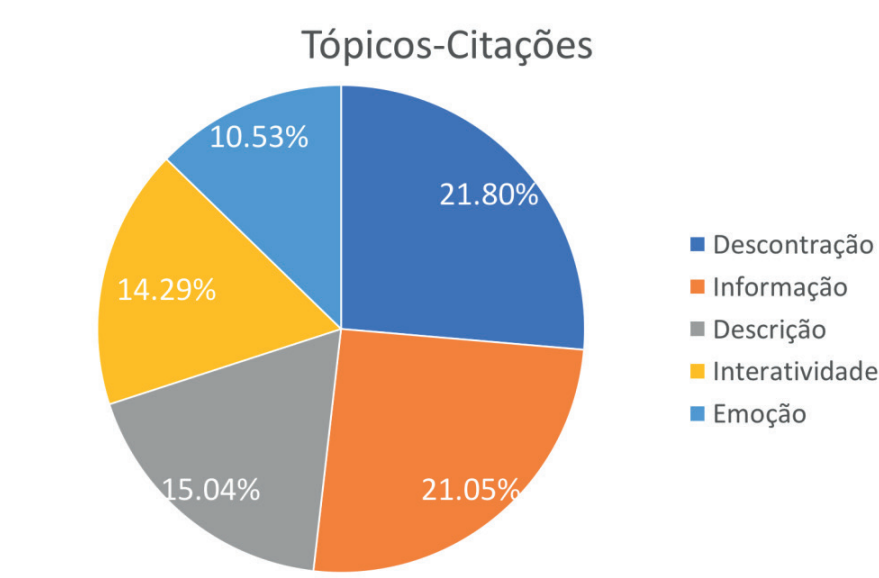


Os bordões “Sabe de quem?”, usado frequentemente por Luis Roberto mas com autoria de Edson Callegares, e “Você é ridículo!”, de Everaldo Marques, foram os mais lembrados pelos espectadores, cada um com 30 citações. Vale destacar que apenas uma das respostas lembrou que o “Sabe de quem?” foi criado por Edson Callegares, sendo que todas as outras associaram o bordão apenas a Luis Roberto.

Se levar em consideração o número de respostas, é possível afirmar que uma em cada quatro pessoas lembrou dos dois bordões.



Galvão Bueno foi o locutor mais lembrado tanto em menções (49) como em quantidade de bordões distintos citados (11). O histórico locutor da TV Globo esteve em quase metade das respostas. Entre os bordões, o destaque fica para o “Haja coração!”, lembrado 18 vezes.



Cinco tópicos dominaram a lista de importâncias em uma transmissão. São eles descontração, informação, descrição, interatividade e emoção. Mas os dois primeiros foram hegemônicos, estando em mais da metade das respostas. Dessa forma, é possível afirmar que a maioria dos espectadores quer uma narração que informe e entretenha ao mesmo tempo.

### 3.1 GLOSSÁRIO DE BORDÕES CITADOS NO TRABALHO

As respostas permitiram que um glossário fosse produzido com os 92 bordões citados em ordem alfabética. Todas as frases tiveram ao menos uma citação.

- Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo – Fiori Gigliotti
- Agora eu ‘se’ consagro! – Milton Leite
- Aqui não queridinha! – Rômulo Mendonça
- Assina que o gol é teu! – Daniel “Dandan” Pereira
- A batida – Milton Leite
- A bola da na bochecha, na bochecha da rede - Ulisses Costa
- A regra é clara – Arnaldo César Coelho
- Balançou o capim no fundo do gol – Silvio Luiz
- Bate no peito – Bruno Cantarelli
- Bem amigos da Rede Globo – Galvão Bueno
- Bingo! – Everaldo Marques
- Bola em jogo pra você ligado na Globo – Cleber Machado
- Boom Shakalaka – Rômulo Mendonça
- Caçapa! – Marcelo do Ó
- Cadê o Olodum? Coloca o Olodum na tela - Galvão Bueno
- Caixa! – Mário Henrique Caixa
- Carimba, Luciano, que o gol foi legal – Oscar Roberto Godói
- Castiga! – Charles Robert
- Com licença pra matar! – Rômulo Mendonça
- Confira comigo no replay – Silvio Luiz
- Dá nele, bola - Paulo Andrade
- Domina, toca, não tá mais comigo - Gustavo Villani
- Ela disse adeus – Rômulo Mendonça
- Ele é danadinho! – Téo José
- Ele é um deboche! – João Guilherme
- Entrou! – José Carlos Araújo
- Ex-jogador em atividade – Milton Leite
- Eu só acredito porque estou narrando – João Guilherme
- É Bingo – Edson Mauro
- É defenestrado da liderança – Geferson Kern
- É dele! – Diego Liniker
- É... Do brasil! – Galvão Bueno
- É rede! – Marco de Vargas
- E que golaço! - José Silvério
- Fogo na bomba! – Ivan Zimmerman
- Foi, foi, foi, foi, foi dele - Silvio Luiz
- Ganhar é bom, ganhar da Argentina é muito melhor! – Galvão Bueno
- Gol de Video Game – Gustavo Villani
- Guardou – Luiz Penido

- Haja coração! – Galvão Bueno
- Hoje não, hoje não, hoje sim – Cleber Machado
- Joga a luva, goleirão – Gustavo Villani
- Lambisgoia – Rômulo Mendonça
- Lá dentro! – Daniel “Dandan” Pereira
- Lebrão, Ladrão, roubou meu coração - Rômulo Mendonça
- Mas o quê que é isso? – Ulisses Costa
- Nasceu! - Silvio Mendes
- Não, não é assim! – Téo José
- Neila Torraca – Rômulo Mendonça
- No peito, na grama – Luiz Carlos Jr
- Olha a graça do menino – Galvão Bueno
- Olha ele aí – Jader Rocha
- Olha o gol – Galvão Bueno
- Olha o que ele fez! - Galvão Bueno
- Olho no lance - Silvio Luiz
- brabo tem nome! – Matheus Fagundes
- Caos! – Rômulo Mendonça
- Ô meu garoto! Presta atenção no serviço – Daniel Pereira
- Tempo passa! – Fiori Gigliotti
- Que foi que só você viu - Silvio Luiz
- Quê que eu vou dizer lá em casa? – Silvio Luiz
- Papai LeBron – Rômulo Mendonça
- Pelas barbas do profeta – Silvio Luiz
- Pelo amor dos meus filhinhos – Silvio Luiz
- Pimba na gorduchinha - Osmar Santos
- Pode gritar! – Antonio Marcos
- Pode isso Arnaldo? – Galvão Bueno
- Por todos os ângulos pra você curtir – Odinei Ribeiro
- Pro fundo do gol – Cléber Machado
- Que beleza! – Milton Leite
- Que desagradável! – João Guilherme
- Que fase! – Milton Leite
- Quem é o pai da criança? Me dê o número do berço – Silvio Mendes
- Quem é que sobe? – Galvão Bueno
- Quem sabe na bola parada – André Henning
- Ripa na chulipa - Osmar Santos
- Sabe de quem? - Luis Roberto/Edson Callegares
- Sai que é sua, Taffarel – Galvão Bueno

- Segue o jogo! – Milton Leite
- Sem tempo, irmão – Everaldo Marques
- Tão bom quanto pintar com Lukscolor – Luciano do Valle
- Tá guardada – Bruno Coimbra
- Tá lá! – Nivaldo Prieto
- Tá lá dentro! – Oliveira Andrade
- Tá no placar! – Cacá Fernando
- Temos um djoko! – Paulo Antunes
- Tem peixe na rede – Wadir Amaral
- Tocasso! – Rômulo Mendonça
- Toca a música! – João Guilherme
- Vai ter emoção até o fim! – Luiz Carlos Jr
- Vai! Pode Ir! Vai ser feliz! – Silva Júnior
- Você é ridículo! – Everaldo Marques

### 3.2 COISAS ESSENCIAIS EM UMA NARRAÇÃO

A pergunta opcional permitiu que fosse criada uma lista em ordem alfabética contendo 31 tópicos apontados pelos entrevistados como importantes em uma transmissão esportiva.

- Acertar os nomes dos jogadores
- Acompanhar o ritmo do jogo
- Análises táticas
- Animação
- Atenção aos acontecimentos
- Boa comunicação
- Boa leitura do jogo
- Boa locução
- Boa química com comentaristas
- Bordões
- Carisma
- Comentários
- Comentários de arbitragem
- Conhecimento sobre o histórico dos clubes e acontecimentos
- Criatividade
- Descrição
- Descontração
- Dinâmica
- Diversão
- Emoção
- Entrosamento dos envolvidos durante a cabine de transmissão
- Foco e atenção na jogada

- Imparcialidade
- Improvisação
- Informação
- Interatividade
- Irreverência
- Leveza
- Objetividade
- Pontuação crítica
- Transportar o espectador para dentro do campo/transmitir energia do jogo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bordões se enquadram como um aspecto positivo dentro da narração esportiva. Eles permitem que o narrador possa ter uma maior proximidade com o público e uma consequente ascensão na carreira. A guinada das narrações para o ‘infotainment’ pode ser fortalecida como uso dos bordões.

Apesar disso, essas frases ainda não são cruciais em uma narração. A descrição precisa dos acontecimentos e a informação seguem como essenciais, no topo da pirâmide. É possível viverem bordão, mas não sem informação.

O bordão pode ser visto como um tempero que provoca excitação ao público. E como todo tempero, ele precisa ser usado na dose certa.

Paralelo a isso, as narrações esportivas seguem um caminho ainda incerto. Elas podem seguir neutras, trazendo um panorama dos dois times, ou parciais, se a partida for transmitida por um único clube. A multiplataforma tende a permanecer e a forçar que o locutor saiba narrar em todas as mídias, seja no rádio, na televisão ou no streaming.

Para finalizar, reafirmo uma citação de Odinei Ribeiro na ocasião em que foi entrevistado para este trabalho. A mesma também foi reforçada com os dados obtidos no questionário. Logo logo, não sei se vão começar a pagar pra escolher o narrador que querem ouvir, de uma determinada transmissão. Pode ser” (GOIS, 2021, p. 65).

## REFERÊNCIAS

- BETING, E. *NBB troca Globo por todas as outras emissoras*. Disponível em: <<https://www.maquinadoesporte.com.br/artigo/nbb-troca-globo-por-todas-outras-emissoras>> Acesso em: 14 ago. 2021.
- BETING, M.; ROGÉRIO, P. Fiori Gigliotti: O locutor da torcida brasileira. São Paulo, Onze Cultural, 2019
- BORGES, A. F. *Locução Radiofônica de Gols na Copa do Mundo 2014: análise de sentidos atribuídos por interlocutores*. 2016. 71 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- BRINATI, F. Â. *Pelas Barbas do Profeta: Silvio Luiz e a busca da identidade da narração futebolística para a TV*. Juiz de Fora: UFJF, Facom, 2005.
- GÖTZ, C. A. F. Narração de futebol no rádio: uma proposta de análise retórica. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 07, n. 01, pp. 60-85, jan./jun. 2015.

CASTRO, T. de. *Copa de 1970 foi em cores, mas maioria tinha TV preta e branca*. 2014. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/copa-na-tv/copa-de-1970-foi-em-cores-mas-maioria-tinha-tv-preta-e-branca-3722>> Acesso em: 27 mai. 2021.

ESPORTIVA, Gazeta. *DAZN chega ao Brasil com portfólio de futebol e outros esportes*. 2019. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/todas-as-noticias/dazn-chega-ao-brasil-com-portfolio-de-futebol-e-outros-esportes/>> Acesso em: 21 jul. 2021.

FILARDI, E. *Conheça Nicolau Tuma, o precursor na narração esportiva no Brasil*. 2020. Disponível em: <<https://www.futebolnaveia.com.br/conheca-nicolau-tuma-o-precursor-na-narracao-esportiva-no-brasil/>> Acesso em: 14 mar. 2021.

GOIS, D. *O poder do bordão no jornalismo esportivo*. TCC (Graduação em Jornalismo) - Universidade Católica de Santos. Santos, 109 p. 2021.

GUIMARÃES, C. G. S. O início da narração esportiva no rádio brasileiro: As Transmissões Pioneiras. In: RADDATZ, V. L. et al. *Rádio no Brasil: 100 Anos de História em (Re)Construção*. Ijuí: Ed. Unijui, 2020.

MEMÓRIAGLOBO. *Galvão Bueno*. 2021. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/galvao-bueno/>> Acesso em: 06 jun. 2021.

SCHETINI, V. de O. *Rádio e televisão: levando emoção ao torcedor de futebol*. Juiz de Fora: UFJF, Facom, 2006.

SOARES, E. *A Bola no Ar*. O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo, Summus, 1994.

STYCER, M. *Narrador e empresário, Luciano do Valle ampliou espaço do esporte na TV*. 2014. Disponível em: <<https://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2014/04/19/narrador-e-empresario-luciano-do-valle-ampliou-espaco-do-esporte-na-tv/>> Acesso em: 06 jun. 2021

TERRA. *Morre o locutor Januário de Oliveira, ícone das transmissões*. 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/morre-o-locutor-januario-de-oliveira-icone-das-transmissoes,cfc490aa53966a666f513afd6e257df1klw2hxvl.html>> Acesso em: 06 jun. 2021.

UOL ESPORTE. **Athletico fecha parceria com streamer para transmitir jogo com RedBull**. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/danilo-lavieri/2021/07/08/athletico-fecha-parceria-com-streamer-para-transmitir-jogo-com-red-bull.htm>> Acesso em: 08 ago. 2021

UOL ESPORTE. **Luciano do Valle vê exagero em narradores e critica uso de bordões**. 2013. Disponível em: <<https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/09/25/luciano-do-valle-ve-exagero-em-narradores-e-critica-bordoes/>> Acesso em: 06 jun. 2021

## ABSTRACT

Bond, identification and communication. With a simple phrase, a sports announcer could be remembered by all the people. In this mission, the catchphrases, that short words used in clutch moments of an event, ends up being allies of the speakers. In sports journalism, catchphrases use is common for many announcers. But how they born? How the catchphrase is important in these days? He is the most important thing in a narration? How he get in the public head? This article focuses on these questions. We made it 17 interviews with speakers, communication specialists and spectators from all of Brazil's sides, trying to understand from the birth of the catchphrase until his reputation with the sports fans. The article have a research by the Google Forms, in 27 days, with 118 answers over the theme. They turn possible the production of 12 graphics who shows which catchphrases and announcers was most remembered and what is the most important features in a sports broadcast.

## KEYWORDS

Catchphrases, Broadcasting, Announcer, Viewer, Language.